

Relatos poloneses ou Na Polônia e uma Laranja

Fausto Fuser

Um brasileiro na Escola de Cinema da Polônia, em Lodz, entre 1964 e 1970 depoimentos, testemunhos e opiniões de Fausto Fuser

1. Um País e uma Escola Surpreendentes

A Escola Nacional Superior de Teatro e Cinema Leon Schiller (PWSiF), na Ulica Targowa (pronúncia: ulítsa targóva), Rua do Mercado, na cidade de Lodz, região central do país, ocupa lugar de honra entre as instituições do ensino e das artes da Polônia, terra que tradicionalmente se orgulha da sua cultura e suas manifestações artísticas. Os grandes artistas nacionais são nomeados com o respeito e a admiração dedicados aos seus heróis históricos pelo povo polonês em todos os níveis.

Lodz é – ou foi – uma cidade industrial, acinzentada, triste e de poucas atrações que em parte para contrabalançar a insipidez, se cercou de incontáveis e amplos jardins e parques públicos, transformando-se numa das maiores áreas verdes urbanas da Europa Central.

Com a bela Varsóvia, Warszawa (pronúncia: varchava), e todos os seus monumentos bombardeados ou metodicamente dinamitados, a provinciana Lodz (tradução literal: o barco), teve a sorte de permanecer intocada por abrigar significativa indústria têxtil, do interesse de todos os lados. Nos primeiros tempos após a guerra e por ficar no coração geográfico do país, mesmo tristonha e feiosa, Lodz chegou a ser a capital provisória da Polônia.

Hoje, porém, para o ranger dos ossos ou o que o demo deixou de Hitler – que jurou mil anos de império nazi-fascista – Varsóvia está mais encantadora do que nunca! Seu palácio real, museus, teatros, igrejas, a sinagoga com seu importante centro cultural, de teatro, de estudos avançados e de memória judaicos, monumentos, bibliotecas, a famosa Universidade e institutos científicos e das artes e até as antigas praças e o Bairro Antigo/Histórico com seus fragmentos de muralhas medievais, as românticas vielas e as simpáticas pequenas floreiras sempre com flores mantidas pela população, são as mais emocionantes medalhas que absolutamente cada cidadão polonês faz questão – muito justificada – de ostentar aos estrangeiros visitantes.

A Polônia soube encontrar em seu passado heróico, forças físicas e morais para se reerguer das inacreditáveis destruições e mortandades deixadas mais uma vez pelos civilizadíssimos vizinhos. Ela continua a existir e está de pé, como Nação, há mais de mil anos!

1. A Filmowa – Circunstâncias e Perfil (de 1964 a 1970)

Criada logo após a guerra na euforia da reconstrução do país, a Filmowa foi peça central na recuperação das melhores tradições do cinema polonês, nascidas ainda no início do cinema mudo – tanto com seus filmes de inspiração teatral e poética, expressionista, romântica e heroica polonesas, quanto como com os filmes judeus de aberta inspiração na literatura ídiche de fontes populares, irônicas, folclóricas ou inspiradas nas comédias ligeiras de cabaré da Europa Central, musicais e até de textos poéticos memoráveis.

Não será supérfluo lembrar que no período do pré-guerra, é muito difícil separar o cinema polonês do cinema judeu realizado na Polônia. O primeiro, apoiado na sua literatura clássica e no seu teatro monumental, no seu particular expressionismo e suas raízes nacionalistas, e por outro lado, o segundo, sob a liderança do Teatro Judeu de Arte de Varsóvia que fazia enorme sucesso europeu com seu repertório ídiche e seu teatro de autêntica vanguarda europeia – e divulgadores iniciais do “cinema-curiosidade”, despertando paixão pela nova arte em toda a Europa, firmando terreno definitivo nos Estados Unidos. A cinematografia de Charles Chaplin o confirma, mas está longe de ser a única – até os dias atuais.

A PWSTiF, ou simplesmente Filmowa (pronúncia: filmova) ou Filmówka (pronúncia: filmúfca) como a chamam os alunos num diminutivo carinhoso – os diminutivos assim empregados são um simpático hábito entre os poloneses–, foi instalada no confortável e amplo palacete de um rico industrial que prudentemente foi reconstruir a vida e a fortuna no México, pouco antes da invasão alemã. Consta que o tal industrial, além de refazer a fortuna, ficou satisfeitíssimo com o destino dado à sua vasta propriedade na Targowa.

A Ulica Targowa margeia um parque público amplo e discreto de onde é impossível se avaliar a movimentação no interior da propriedade, além das grades, muros e portões metálicos não muito diferentes dos abastados palacetes em bairros nobres paulistanos.

Nos primeiros anos da década de 60 somou-se às suas instalações um amplo ginásio escolar de arquitetura tradicional, seu vizinho contíguo. Nesta escola instalaram-se mais duas salas de projeções suplementares em atividade permanente e ampliaram-se os espaços para as atividades do Departamento de Teatro que se manteve em nível discreto – sem espelhar-se em nada nas brilhantes escolas de teatro de Varsóvia ou de Cracóvia e várias outras, de bonecos,

de pesquisas das novas formas e linguagens e ainda, do teatro de expressão vanguardista e inovadora – terrenos de grandes sucessos do histórico teatro polonês.

Era nos fundos da propriedade, na vasta área e espaços de serviço do antigo palacete que aconteciam os planejamentos das produções cinematográficas, nos laboratórios fotográficos, nas salas de aula, as quatro ou cinco salas de montagem (edição) com suas montadoras e equipamentos profissionais à disposição dos estudantes-realizadores, nas oficinas de depósito e reparações dos equipamentos, na sala-estúdio das instalações de desenho animado, as instalações dos dormitórios dos professores residentes em Varsóvia que sequer tinham tempo para regressar, após as aulas do dia.

Não faltava a sala de convivência estudantil; sempre deserta, inútil, com seu piano fechado, as pedras de xadrez adormecidas sobre as mesinhas abandonadas, o aparelho de televisão e de som absolutamente calados. Uma instalação simples, mas confortável, deglutida no silêncio da convivência estudantil... zero!

Causava-nos grande desconforto o reinante isolamento das pessoas, o “bloqueio social” com o qual todos os estrangeiros tinham bastante dificuldade de adaptação, bem como não poucos poloneses. Para tentar entender esse comportamento generalizado, lembro que ao obter seus diplomas, os poloneses tinham direito a trabalho na sua área profissional. Daí o esforço intenso em destacar-se, acertar em tudo, inclusive no comportamento social e político.

Nesse universo, não é difícil supor que “o outro, mais tarde” será sempre um concorrente, um inevitável competidor e adversário. O futuro de cada um deles estava próximo demais das opiniões que conseguissem conquistar dos professores.

Os rapazes pareciam adiantar o “mais tarde” para o momento sempre presente, tornando o dia-a-dia numa arena coletiva, secreta, indistinta e contra todos, embora convenientemente polida, dentro da notória característica cavalheiresca polonesa. Não seria muito errado considerar tanto a Filmowa como outras escolas de artes, por razões semelhantes, surdos campos de batalha desde o primeiro dia de aula.

O grande – bem, nem tão grande – estúdio cinematográfico da Escola, com características profissionais básicas, estava instalado num galpão distante, em outro bairro, onde as atividades eram febris e contínuas, sem respeito aos horários e outras limitações, segundo as urgências previamente tratadas em minúcias com o Departamento de Produção e absoluto respeito às necessidades e possibilidades objetivas reconhecidas e acertadas, dentro das conveniências gerais.

E sempre o peso da sombra das datas-limites imperativas e definitivas: “Não rodou o seu filme no seu prazo, danou-se e estamos conversados...” – O inferno se abriria implacável

para engolir o contraventor! – Acho que a menos que o criador-arquiteto do *Big-Bang* viesse pessoalmente à Filmowa interferir a favor do calhorda descumpridor dos prazos, não haveria outra data de produção, nem horários suplementares disponíveis, nem nova matrícula!

Mantendo o aspecto geral das construções provisórias – que ficam... e ficam... e ficam em tantas universidades... –, o espaço abrigava também o humilde refeitório com sua cozinha, além do Departamento de Produção que oferecia, de tempos em tempos, prestigiosos e concorridos cursos profissionalizantes na área. Numa construção modesta, porém operada por pessoas competentes, profissionais de Produção conhecedores da constelação dos problemas na feitura de filmes de todos os gêneros, criados anualmente por dezenas de jovens de todos os perfis e todos os graus de “não-experiência” e sempre dentro de prazos impositivos e eliminatórios que variavam de curtos a curtíssimos, quando não, aparentemente, inviáveis!

No prédio principal encontravam-se as salas acústicas para gravações, dublagens e sonorizações, além da grande sala de projeções e espaço dos eventos oficiais.

A vida acadêmica era invariavelmente determinada em absoluto segredo, atrás das altas portas dos gabinetes da reitoria e das direções dos departamentos que se aninhavam no prédio principal, com seu ar de antiga e autêntica nobreza, com direito a tapetes etc.

Os alunos adoravam sentar-se na ampla escadaria atapetada de acesso ao salão nobre e de projeções. Esses momentos faziam parte de uma tênue fatia agradável de vida informal e estritamente individual, em contraste e quase diante dos escritórios dos departamentos e da reitoria onde a cada solicitação, onde cada tentativa de ação fora dos padrões rigorosamente burocráticos e rotineiros era alvo de mil barreiras, coroadas sempre ao final com intermináveis *to trudno*, isso é difícil, ou o irritante, universal, burocrático e sempre duvidoso; *nie ma* (não tem), assim como o desesperante *nie mozna* (não pode) e o fatal *nie wolno* (não é permitido).

Por outro lado, para equilibrar as razões e solucionar o insolúvel, não raro tínhamos colóquios decisivos sobre nossos pequenos filmes ou problemas ligados ao currículo, sentados ao lado de um professor na escada acolhedora, iluminada pelo longo vitral na parede que emprestava colorido ao espaço. Ali, na acolhedora escadaria, inúmeras vezes, os professores faziam análises de propostas inviáveis de serem detalhadas em aula. Faziam-nos, inclusive, exigências ou determinavam-nos prazos rigorosos, ou nos cobravam resultados absolutamente pessoais. Também era comum esses colóquios nos elucidarem tanto ou mais que uma palestra; dirimirem dúvidas delicadas ou permitirem opiniões que jamais seriam formuladas e discutidas em público.

Esses encontros de orientação na escadaria tinham aspecto de ocasionais ou mesmo de improvisação, mas invariavelmente eram agendados pelos professores sobre temas que se ligavam aos estudos das suas disciplinas ou determinações e acertos visando à realização de trabalhos práticos solicitados em aula.

Vivia-se na Filmowa, literalmente, em tempo integral. Ou mais. Éramos orgulhosos dela. E a amávamos – embora discretamente, à moda da terra, sem estardalhaços. Nossa identificação explícita estava na intensa dedicação às aulas/estudos e nos compromissos com os trabalhos práticos. Mas éramos, sobretudo, individualidades, fragmentos, pessoas solitárias.

Nossas vidas inteiras estavam dedicadas à Escola, da manhã à noite, mas nela estávamos permanentemente a sós e, bem ou mal, naquele espaço fortificado, só o cinema nos unia e, algumas vezes, identificava.

2. As Moscas da Minha Sopa

Não raro recebíamos a visita de algum artista de relevo. A jornada que nos proporcionou Kirk Douglas, porém, foi inesquecível, com direito a capangas malvados e bandoleiros vestidos a caráter, encenação de pugilismo cinematográfico com o próprio ator e um cavalo bom de montaria com cenarozinho de “cidadinha” para *cowboy* nenhum botar defeito. Os rapazes do Departamento de Fotografia não perderam a oportunidade de fazer um simpático documentário.

Mas houve estranheza quando, numa manhã, as aulas de toda a Filmowa foram suspensas e os alunos convidados a uma reunião arranjada de improviso, sem sabermos o motivo, promovida pelo Departamento de Teatro do qual nós, alunos de cinema, não tomávamos conhecimento. Fazíamos, sim, eventuais convites aos alunos-atores necessários em alguns dos nossos exercícios de câmara. E havia entre nós, do Teatro, a diretora daquele departamento que lecionava teatro também aos futuros diretores de cinema. Para completar a disciplina, os cineastas deveriam dirigir uma obra teatral com os alunos do Teatro.

Com algum currículo na carreira teatral anterior à viagem à Polônia, tomei a liberdade de me recusar a frequentar tais aulas com a tal senhora professora-chefe, usando como razão o meu exercício na mesmíssima função, no Brasil, e a minha dificuldade com a língua polonesa. Livrei-me, assim, depois de enfrentar todos os *nies* possíveis, de suportar tediosas lições de um teatro já superado entre nós e de uma professora de duvidoso talento artístico, mas requintada índole bélica. Nem me passou pela cabeça que meu pedido de dispensa seria motivo de escândalo e estaria ofendendo pessoalmente a ninguém.

A sala nobre estava lotada, os microfones de gravação e câmeras de filmagem rodando, ao fundo, o que somente aconteceria se a visitante fosse muito conhecida e apreciada por todos e/ou uma personalidade pública muito importante no mundo das coisas artísticas. Na boca do palco, à longa mesa solene onde flores e toalha branca rendada não foram esquecidas, sentava-se o corpo letivo da Filmowa diante da quase absoluta totalidade dos alunos.

Consegui sentar-me no centro da plateia. Muitos estudantes e funcionários permaneceram de pé, nos corredores laterais da sala totalmente ocupada. O reitor Toeplitz abriu a reunião saudando a visitante, uma senhora extraordinariamente bonita, elegante, muito segura de si mesma, orgulhosa, ar triunfante, desafiadora.

Uma rainha!

Entre as apresentações gentis do reitor, chamaram-me especial atenção suas referências ao fato daquela famosa/formosura ter vivido vários anos no Rio de Janeiro. Ao pronunciar a palavra Brasil, o reitor, por cortesia, denunciou a presença na plateia deste estudante brasileiro que afundou na poltrona, intimidado.

Discretamente, porém, ao colega do lado já havia sussurrado a pergunta: “Quem é a bonita?” A resposta veio breve e intrigante: É *ministrowa* (esposa de ministro). Vim saber, depois, que o maridão era ninguém menos que o todo poderoso Primeiro Ministro da Polônia!

Mesmo madura, uma fada.

Enquanto *la bella donna* assumia a frente do palco, minha memória ligou-se em velocidade total aos anos em que eu estudara teatro no Rio de Janeiro. Achava que já a tinha visto, mas não me lembrava dela como atriz.

Ela fizera anunciar que falaria sobre sua carreira artística. E isso teria sido de fato de muito interesse, pois a artista teve sua brilhante carreira guiada pelos diretores da renovação da moderna cena polonesa, apoiada em riquíssima literatura teatral.

Mas, surpresa: desde as primeiras palavras, a visitante desferia, com todas as letras, veementes ataques:

1) Às “péssimas condições de vida no Brasil” (sic), ignorando qualquer análise ou questão sequer levemente inteligente sobre o tema. Este, claro, continua em aberto e na pauta urgente/urgentíssima até hoje e tem inegável importância! De qualquer forma, não foi relatada para o bem ou para o mal, mais uma só opinião – diferente ou de outras pessoas, dentre os vários milhares de imigrantes poloneses integrados à nossa terra.

2) Ao “péssimo caráter dos brasileiros” (sic) – (... !!!? ...).

3) Ao “desprezível teatro brasileiro” (sic) – seu colega Ziembinski atuou para elevá-lo.

La bellissima usava exclusivamente um discursinho achincalhador, depreciativo, apoiado numa visão primária de turista auto-promovida a alguma espécie humana superior aos nativos, provavelmente ainda por influência ideológica tardia da propaganda do eficiente Joseph Goebbels, um “bom caráter”, talvez.

Difícil saber exatamente a razão que levou a mulher do Primeiro Ministro viajar de Varsóvia até a feiosa Lodz para pronunciar aos estudantes, numa reunião solene e comprometedora, tal discursinho infeliz, denunciador – através do avesso do espelho – das memórias da sua própria vida! Irresponsável, leviana e preconceituosa, mesmo tendo, comprovadamente, desfrutado sem trabalhar por opção pessoal, de longos e aprazíveis anos no Rio de Janeiro, Brasil, o tal país “das péssimas condições de vida onde vivem os tais brasileiros sem caráter, assistindo ao seu teatro desprezível”!

Apesar de conviver com o participativo e ativíssimo compatriota Ziembinski, ela atuou numa só breve temporada de um único espetáculo teatral brasileiro – ignorando a explosiva e apaixonada renovação artística que acontecia ao seu lado... exatamente com a peça-espetáculo considerada até hoje o marco divisor de estéticas, rumo à nossa modernidade cênica! Tratava-se nada menos que de *Vestido de noiva* de Nelson Rodrigues, em olímpica direção de Ziembinski, com o melhor do célebre grupo pioneiro carioca Os Comediantes ao seu lado.

No ensolarado Rio de Janeiro, *la diva warszawska* encontrava-se, a convite de Ziembinski, entre um punhado de atrizes e atores, jornalistas, intelectuais, artistas plásticos, advogados, críticos, todos febrilmente apaixonados por um teatro não convencional. Diferentemente da opinião da *bella-la-bella polaca*, o grupo que a recebeu estava, sim, bem informado do teatro e da literatura teatral moderna europeia daqueles dias, assim como do brilhante currículo artístico dela mesma – que foi recebida de braços abertos. Como se faz tradicionalmente, por aqui.

As bombas dos admirados vizinhos que ignoraram a simpatia que lhes dedicavam os então governantes militares proto-fascistas poloneses – e também alguns artistas – encerraram, sem aviso aos espectadores, a temporada teatral de 1939.

Amiga e inúmeras vezes colega de elenco de Ziembinski, a vistosa *prima donna polaca*, também exilada no Rio de Janeiro – onde conseguiu chegar depois dele e graças ao seu apoio, só participa numa segunda temporada da peça de Nelson Rodrigues – no papel de Madame Clessy, quando foi destacadamente elogiada, em unanimidade. Mas, caprichosa e

sem qualquer justificativa, se recusou a subir novamente aos nossos palcos, ignorando aplausos, incentivos e elogios.

Ziembinski foi aclamado em definitivo, no novo país, por aquela sua triunfante direção. Ele veio ainda a se tornar um dos mais importantes atores em nossos palcos, ganhando o afetuoso codinome de Zimba, por simpatia da classe teatral. Mais tarde viria a merecer a mais alta comenda oferecida pelo governo aos estrangeiros que muito contribuíram para as artes brasileiras.

Madame-la-bella não se apressou em regressar ao seu país após a guerra: esperou os cadáveres serem todos enterrados, o mau cheiro e as cinzas serem todas varridas e só então avaliar a conveniência do momento mais oportuno para retomar, por cima, sua vida e sua carreira interrompidas, como as de todos, pelas disciplinadas hordas de moços que tinham todos ótimo caráter, ótimas condições de vida e um teatro invejável. Entrementes, *la stella polaca*, inteligentíssima, não teve dificuldade em aprender o idioma local e chegou mesmo a verter para o polonês algumas obras da literatura trópico-romântica nativa.

À nossa frente, no salão nobre da Filmowa, munida de injustificado e tardio ressentimento da terra e da gente que, comprovadamente, de muito boa vontade a abrigara, a *ministrowa-máxima* e senhora absoluta do teatro oficial polonês, aos estudantes de teatro, de cinema e professores da Targowa, simplesmente falava, em nível rastaquera, mal de nós, simploriamente!...

Uma burguesa banal, num perfil generoso.

E então, ela mesma me deu a chave da sua identificação na distante reserva da minha memória, ao citar irreverentemente o nome de Paschoal Carlos Magno para aquela plateia de estudantes poloneses que não estava minimamente interessada nesse desconhecido personagem, nem no Brasil e menos ainda no seu teatro.

Ouvindo-a atentamente, embora revoltado, lembrei-me então que tive algumas aulas com aquela estrela deslumbrante na vasta sala da casa de Paschoal Carlos Magno, no alto de Santa Tereza, Rio de Janeiro.

Fácil: não é todo dia, num curso quase doméstico de teatro que se vê surgir ao portal devassado pelo sol carioca, descendo alguns degraus, uma autêntica Salomé num belíssimo vestido esvoaçante quase transparente, na contra-luz! E ainda, voz de harpa entre veludos com sotaque atraente e misterioso...

Uma deusa!

Ao lembrar-me da perturbadora atriz polonesa no curso de Paschoal Carlos Magno aos sábados pela manhã, recordei-me primeiramente da sua voz personalíssima. Na sala nobre da

Rua Targowa, a sua voz e a maneira afetada de falar eram as mesmas: Ela estava à minha frente, era ela sim! A fada-feiticeira que se apossara de nossos corações juvenis!

A Rainha Salomé!

Só nunca consegui me lembrar de qualquer assunto tratado nas suas aulas.

Mas lembrei-me que Pachcoal e aquela senhora, antes amigos, tiveram pouco depois uma discussão violenta, pouco diplomática que só terminou com uma ruptura definitiva entre os dois.

E Salomé nunca mais subiu a Santa Tereza no bondinho cantante.

Na Filmowa, como dona *ministrowa* não mudava de tecla em seu papinho de madame-comadre em salão de beleza – ou lavanderia?, não me contive, levantei o braço pedindo a palavra ao reitor que depois de consultar a convidada, cedeu-me o aparte.

De pé, no centro da plateia, com a tranquilidade de quem já se desligou de todas as coisas no último corredor dos condenados à morte, lembrei educadamente à bela-senhora-bela que o Brasil a recebera de braços abertos como o faz com todos os estrangeiros. Que no Rio de Janeiro ela encontrou vários artistas estrangeiros de teatro trabalhando e sendo muito aplaudidos. Que ela mesma havia sido recebida com muita simpatia e admiração. Que o nosso teatro estava lutando por sua modernização e muitos dos seus artistas e animadores eram bravas pessoas muito dedicadas, jornalistas famosos e intelectuais que mereciam o respeito também dos estrangeiros vindos ao Brasil em busca de uma vida nova. E, por fim, que os meus colegas poloneses não estavam, certamente, em nada interessados em ouvir as suas críticas a um desconhecido Paschoal Carlos Magno, nem ao Brasil, nem aos brasileiros.

À mesa, Toeplitz – intelectual de peso e poliglota amador que do idioma português entendia o suficiente – e os demais professores me olhavam petrificados. Não estavam ofendidos nem furiosos. Apenas petrificados, como todos os presentes.

Disse-lhe aproximadamente aquelas coisas em tom respeitoso, alto, claro, pausadamente, em bom português. Falei voltado diretamente para a tal *ministrowa* ou o que quer que ela fosse, além de mulher de Primeiro Ministro.

Depois, voltei-me para o reitor, agradeci polidamente em polonês e me sentei.

Um silêncio lunar, concreto, desceu do infinito e pousou na sala.

Congelada, a fada desabou.

A coroa da imaginária rainha de língua verde deve ter caído, rolado caprichosamente até a outra extremidade do palco e escondeu-se atrás das coxias. Naquele salão apinhado, o português era pouco mais que um idioma sonoro, muito agradável e desconhecido.

Mas todos os que sabiam decifrar, sentir, ver e ouvir o interior das pessoas através das obviedades convencionais, das aparências e seus artifícios, dos gestos estudados, ensaiados e convenientes, acompanharam o desenho de um reino se desfazendo na face lívida de uma rainha fajuta em fúria...

Uma bruxa!

A tal senhora-dona-do-teatro-polonês-oficial-certinho havia prometido falar-nos da sua gloriosa vida artística, mas, objetivamente, os moços, os professores, os funcionários e muito provavelmente sem perda tempo todo o universo artístico polonês ficaram sabendo que a poderosa Primeira Dama esteve no Brasil e não gostou de nada. E que sofreu vexame público na Filmowa ao falar besteiras sobre aquele distante país, onde um certo Paschoal Carlos Magno era um homem abominável... (sic).

Mas só esta fofoca canastra não justificava uma viagem de Warszawa à feiosa Lodz.

Meus colegas, na melhor das hipóteses, se deliciaram antes do almoço, como aperitivo, em ouvir um idioma inédito – sem a menor importância para eles – com as vogais pronunciadas como nas canções italianas e que o tal brasileiro suicida pronunciava “Paschoal Carlos Magno”, “Brasil”, “Rio de Janeiro” e “teatro” como que apoiando as palavras em notas musicais, docemente. E que, com a delicadeza glacial de *kamikaze* antes do último vôo, fez a tal formosa dama suspender a respiração, perder a voz harpeada entre veludos, arregalar os olhos feiticeiros, engasgar-se, pigarrear, quase tropeçar nas próprias pernas, procurar o equilíbrio e a pose majestática sumidos no ar e... afinal: fechar a matraca!

Mas só este circo mambembe não justificava a perda de aula nenhuma.

A equivocada “solenidade” seguramente foi tramada a partir do Departamento de Teatro de onde a tal professora beligerante levou à poderosa amiga para exame, o meu currículo profissional brasileiro.

Minha participação no curso de Santa Tereza terá saltado aos olhos da mais bela dentre as belas. O espelho mágico puxa saco, batendo palminhas, alegrinho, festeja: Bingou, bingou!

As duas terão dançado bruxuleantes às gargalhadas, ao redor da mesa onde a maçã acabava de ser envenenada com sucesso! – “Há! Há! Há! O anãozinho atrevido que veio da floresta dos leões e gorilas não escapará aos nossos malévolos poderes!”. Sonoplastia: Mais gargalhadas e palminhas multiplicadas com o efeito de eco, além de raios e trovões.

No seu canto, a coruja empalhada fechou os olhinhos curiosos e encolheu-se toda, assustada.

Era a sopa no mel!

Uma, agora, poderia retaliar num estudante brasileiro qualquer, seu rancor por Paschoal Carlos Magno que o havia recomendado para a bolsa de estudos.

A outra, que me tinha engasgado na garganta graças à humilhação da recusa às suas aulas, poderia ter o testemunho/apoio da Primeira Dama e Senhora dos Palcos de que ninguém vindo daquele país “selvático” teria condições de ser dispensado dos seus fantásticos ensinamentos e... céus, ao vivo! – na própria Europa!

Concluindo: Não é improvável que aquela recepção solene transformada em programa de auditório com toda aquela arenga contra os artistas brasileiros, contra Paschoal Carlos Magno, o Brasil e os brasileiros – quando pelos arredores só havia este único modesto exemplar tupiniquim – tenha sido arquitetada, com as portas fechadas, na sala de direção do Departamento de Teatro da PWSTiF, ou numa cafeteria elegante de Warszawa onde se reunia a nata de uma clientela exclusiva do estrelato oficial polonês, local de elite reservado a segredos e sussurros.

O reitor tirou a sua convidada do apuro, encerrando naquele mesmo instante a reunião das intenções transversas.

Uma presepada chinfrim que, afinal, não tomou quinze minutos.

Acredito que meu gesto, tresloucado, dadas as estruturas políticas daquele tipo de governo, absolutamente inaceitável naquela sociedade, fora de qualquer previsão ou padrão comportamental diante de autoridades, justamente por ter sido de tal forma surpreendente e explícito, terá abortado prováveis intenções transversas.

Diante de tamanho escândalo à frente da coletividade, assistido, filmado e gravado à frente de todos, tornei-me por isso mesmo, imune à retaliação máxima.

O que o Reitor não conseguiu foi tirar da minha sopa aquelas moscas.

3. O Tempo

A Filmowa parecia viver num mundo isolado, ignorando cordialmente a ampla Universidade de Lodz da qual sempre preferiu, não sem alguma razão, manter discreta distância. A Universidade de Lodz abrigava entre outras unidades, a Medicina Militar e outras do mesmo perfil, que ditava e fiscalizava com uniforme de campanha, o compasso do caminhar dos demais seres viventes à volta, até mesmo nossas vidinhas privadas.

Autônoma, com sua própria Reitoria, currículo acadêmico e verbas “significativas”, a PWSF respondia apenas ao Ministério das Artes. Sentia-se na Filmowa um isolamento protetor; pairava um não declarado “direito” a mais liberdade, maior autonomia em sua

peculiar vida acadêmica – e isto era sim, real – do que em qualquer outra instituição de ensino ou artística do país, naqueles dias.

Naqueles dias talvez tenha sido confortável o desenrolar das atividades criativas e expressivas na Filmowa como decorrência liberalizante da chamada “Primavera de Varsóvia” que devolveu a chefia do governo a Gomulka, histórico militante socialista, bravo combatente contra os nazistas e um governante inteligente, sensível à importância da cultura no caldo da nacionalidade polonesa. Eis porém que de surpresa, sem grandes formalidades nem justificativas, ele foi substituído por um capataz mais palatável ao camarada Stalin. Sabia-se, apenas, que seus cuidados com a reconstrução do país ocupavam mais as suas preocupações do que a “internacionalidade bolchevista”, a menina dos olhos do ditador todo poderoso auto-promovido a “Pai dos Povos”.

Depois de uma temporada na prisão, Gomulka foi subitamente solto e ato contínuo, reintroduzido no palácio do governo. A equipe palaciana descobriu em cima da hora que antes das fotos e dos salamaleques oficiais, tinham de providenciar os serviços de um barbeiro, sapatos novos, gravata, camisa e um alfaiate despachado com roupas decentes para o líder agora novamente abençoado por Paínho-zangão, um camarada de poucos amigos!

Recolocado no governo, mas sem espaço para movimentações políticas nacionais próprias, um dos poucos trunfos de Gomulka foi a redescoberta no Ocidente das artes polonesas, notadamente o cinema, o teatro, música e as artes gráficas com premiações estrondosas e o reconhecimento de seus escritores, pensadores humanistas, seus cientistas, restauradores milagrosos, antropólogos, arqueólogos, filósofos, poetas e as suas aplaudidas – inclusive na ONU – pregações diplomáticas pela Paz e por uma Europa livre de armas atômicas – bandeiras da grande sensibilidade da alma polonesa.

Mesmo inevitavelmente submetida ao bloco amargo-soviético, a Polônia de Gomulka soube encontrar, com habilidade, espaços para a reconstrução urgente, reafirmar suas melhores vocações e ter uma vida nacional digna desse nome. Apesar do rosnar de Paínho-amargo-zangão ali ao lado, lavando a lama misturada ao sangue pisado nas garras das esteiras, lubrificando e reabastecendo os tanques de guerra que acabavam de regressar da Hungria, sempre preparadinhos e municados para exercitar seu peculiar “internacionalismo proletário”.

Embora Jerzy Grotowski, Andrzej Wajda, Tadeusz Kantor, Mrozek e muitos outros memoráveis, legítimas “flores da primavera” fizessem arte francamente questionadora, conseguiram a proeza de trilhar suas férteis carreiras praticamente intocados pela censura política – como sempre em toda parte, estúpida, burra e inútil – e livres de maiores restrições

graças aos seus unânimes sucessos mundo afora. Dentro da melhor tradição polonesa de valorizar mais sua arte, sua cultura que as conveniências e imposições políticas do momento.

Era a Polônia que recuperava sua dignidade histórica, sua afirmação universal, embora a Alemanha tenha se esforçado com dedicação e eficiência, em acabar com ela.

E entre as perdas da guerra, pelo menos isso lhe devia a verdade histórica do mundo ocidental, pois como se não bastassem as inimagináveis destruições e diabólicas mortandades os invasores foram além do nazismo e do seu tresloucado chefe: eles presentearam Berlim com a prática de perversidades não previstas nem na cartilha de Hitler com ações repugnantes, sórdidas, contra as artes, os artistas, a alma e a cultura da Polônia, pelo único prazer do exercício natural das suas notórias boçalidades. E ferindo mais que tudo, desta forma, o verdadeiro coração do país, mais até que as bombas, os fuzilamentos, os *guetos* e os campos da morte.

Até a Cinematografia Polonesa, por contrariedade – ou melhor: por revolta ainda viva, se recusa a dar informações detalhadas sobre estes crimes, de reparação impossível.

4. O Temporal

Os maiores nomes do cinema polonês andavam entre nós, na Filmowa, ao lado de jovens assistentes e alunos que anos depois se tornariam conhecidos também do público brasileiro, graças aos festivais internacionais.

As aulas e os trabalhos encaminhados por aqueles artistas e professores, liderados pelo crítico e historiador Jerzy Toeplitz, reitor da Escola naqueles anos, ou sob as longas gestões do seu vice-reitor, Stanislaw Whol. Mesmo quando tive problemas de explícita censura política em alguns momentos, com meus filmes, sempre obtive algum espaço para um entendimento e acerto final apenas com convicção nas razões artísticas do próprio filme – que acabavam sendo aceitas.

Mas, no correr dos últimos dias do meu período acadêmico o céu se fechou de vez:

O fim da “Primavera de Varsóvia” chegou como repercussão da “Guerra dos Seis Dias” no Oriente Médio e das manifestações e os protestos estudantis de 1968/69 – os rapazes da Filmowa participaram bravamente, junto a milhares de outros jovens, lotando as pacatas ruas da cidade assustada. Pouco depois corriam boatos de movimentações grevistas nas regiões portuárias sob a liderança de um eletricista de estaleiro orientado pelo padre confessor de sua paróquia, em Gdansk. A bandeira da ocasião era “Solidariedade”.

Na Polônia de histórica unanimidade católica e na vasta população rural igualmente devota da memória de John Kennedy – Sim! É! O ex-presidente dos EUA, ele mesmo! – logo

abaixo da Santa Maria, os padres, assanhados pelo compatriota promovido a papa, orgulho cívico-religioso nacional manipulado, comandado e assanhado pelo super-cardeal-*sheriff* do Vaticano, o restaurador da Idade Média, o “Rottwieler do Senhor” e porto seguro dos padres pedófilos, o poderoso chefe da dissimulada e militante organização político-religiosa-dinheirista proto-fascista/mafiosa *Opus Dei* – em diligentes atividades político-partidárias-eleitorais invariavelmente do lado mais conservador e retrógrado –, truculento carrasco-amargo-coveiro da *Teologia da Libertação* – que ele, pessoalmente, nos proibiu –, embora cantor-mirim-soprano afinadinho-afinadinho na valsa sob a orquestração política dos interesses e assanhamentos do Pentágono-EUA a levar febril assanhamento à Polônia – a malta toda, porém, de olho gordo no Muro de Berlim –, com bíblicas justificativas teológicas somadas a legítimas razões paroquiais e de sacristia, fazendo com que os púlpitos das igrejas fossem transformados em tribunas de comícios virulentos a assanhar ainda mais o santo fervor cívico-cristão do rebanho do bom povo devoto em ódio declarado contra aquele governo anti-cristo/repulsivo /ateu/pecador/ imoral/etc. e seu sistema imposto/importado da Rússia-amarga-Soviética e as inegáveis e contínuas boçalidades também praticadas pela subserviente amargamalta nativa, esta dita corja, não tendo nada pior a fazer, achou de assassinar um padre por demais... assanhado!

Diante de tantos assanhamentos e do grosso rosar vindo do Volga, os generais polacos, quais vermes cadavéricos – por todos os lados, idênticos, sempre – reassumiram o governo com seus batalhões de homúnculos farejadores ferozes e sem escrúpulos, como moscas varejeiras buscando encontrar e acabar com qualquer possibilidade de vida inteligente, de pensamento livre. De espontaneidade e criatividade artística, então, nem falar!

Voltou-se ao clima da opressão dos rinocerontes sob a ameaça do grande urso.

5. A Ressaca

Jerzy Toeplitz, historiador e professor de cinema com renome e Stanislaw Whol, personalidade extraordinária, intelectual de ampla visão humanística, criador histórico do cinema documentário polonês do pós-guerra, ambos de histórico trânsito internacional de militância socialista foram sumariamente demitidos da reitoria da Escola e destituídos de suas altas funções decisórias na organização central da cinematografia polonesa, em Varsóvia.

A gota d’água: os dois, reitor e seu vice foram pessoalmente à delegacia da polícia política apelar para a libertação dos alunos da Filmowa detidos por cantar canções inspiradas no nome da rua de Lodz em que eles, folgazões, faziam passeata: Era a Rua Novo Mundo – nome que, espero, não tenha sido mudado.

Fácil demais: Toeplitz e Whol eram grandes demais. Eram fortes demais. Mas somaram invejas demais pelo caminho. Receberam honrarias e reconhecimento em muitos países, colecionando admiradores, mas também adversários. Com boa parte da responsabilidade pela cinematografia polonesa nas mãos, implementaram a criação do melhor cinema polonês do pós-guerra, de ficção, animação e documentários, mas também impediram grandes burradas de muita gente incompetente ou medíocre recomendada e/ou ligada às “panelas” da grotesca propaganda amarga-malta, como em toda parte, sempre!

Ao traçar os eixos e os caminhos da sétima arte polonesa em sua primavera, Toeplitz e Whol guiaram e iluminaram também o mais brilhante período da história da Szkola Filmowa.

Resumo da ópera: ...e eram judeus, ambos!

Uma mal-disfarçada campanha anti-semita ganhara alvará de “comportamento político correto” logo após a Guerra dos Seis Dias, requeitando velhas animosidades e se alimentando no oportunismo, em intenções de revanche e na transparente ambição por cargos e espaços. No receituário da cartilha amargo-stalinista, tal campanha, inaceitável, sempre será negada, embora mesmo no interior da Filmowa estivesse clandestina ou envergonhada, mais visível e palpável que os repolhos na praça do mercado.

Numa manhã gelada, a neve já anunciara o inverno, entrei na sala para a última aula. Embora o professor tenha se atrasado alguns dez minutos – fato absolutamente fora do comum, os alunos permaneceram todos sentados, em total silêncio. Nossa última aula seria ministrada por Stanislaw Whol, mas a escandalosa demissão dos reitores se fizera conhecida clandestinamente. A desastrada notícia escorreu não sei de onde aos meus ouvidos, assim como até meus colegas; ninguém soube por sob que fresta de qual porta do corredor atapetado ela vazou. A Filmowa afogou-se em silêncio impotente. As pessoas não se olhavam nos olhos.

Mestre Whol chegou tranquilo, elegantemente vestido, como sempre. Um pequeno aceno a todos como bom dia, quase imperceptível, porém cordial, afável, como de sua característica pessoal. Sentou-se à nossa frente, muito pálido, mas com aparência segura, digna.

Um tempo longo, infinito, pareceu passar, até que ele apanhasse um cigarro do maço e o acendesse, pachorrentamente. Fora, a manhã cinzenta pesava mais que noite insone. Não sei o que sentiam meus colegas. Eu tive vontade de ir até ele, abraçá-lo, numa dessas reações “brasileiras” abertas, emotivas. A turma polonesa, porém, ficou chumbada, de olhos baixos, imóvel. Não consigo me lembrar para onde, nem para quem o querido mestre olhava. Impossível saber em que pensava. Acho que todos os alunos, depois de alguns minutos-eternos, nos ocupávamos, agora, em seguir extraordinariamente atentos todas as evoluções da

fumaça do cigarro entre os dedos ou ser apoiado caprichosamente no cinzeiro. Por fim, Whol apagou o cigarro, sem pressa.

Olhou-nos longamente pela primeira e última vez e nos confidenciou, com segurança: “Um dia a inteligência vai triunfar”.

Terminou a “minha” Filmówka.

6. A mui deplorável figura

Assumi a reitoria-tampão-de-ocasião um dos nossos professores da área teórica, ao gosto da Universidade de Lodz que lecionava com seus autores franceses da moda exibidos sob o braço, dos quais recitava literalmente longos trechos memorizados, como papagaio, luzindo-se, auto-satisfeito com isso, aos alunos adormecidos.

A mui deplorável figura, indigna de substituir Toeplitz e Whol, exibia-se alegre, saltitante mesmo (de verdade!), sem se dar conta do seu triste papel, a humilhar o passado da Escola com sua reitoria-tampão.

A sua ruidosa mediocridade subserviente era ofensiva aos demais professores, muitos deles renomados cineastas e premiados fotógrafos e câmaras, brilhantes intelectuais, inclusive aos apaixonados estudantes e aos dedicados e competentes funcionários e técnicos especializados. Estes, fiéis parceiros dos estudantes, seus melhores companheiros e em tantos casos, mestres de segredos da profissão que compartilhavam generosamente.

O corredor do prédio nobre, com as portas altas da reitoria e departamentos, assumiu o ar carregado de loja funerária. Seu tapete vermelho perdeu o brilho da púrpura e, em definitivo, nenhum aluno voltou a sentar-se na escadaria que levava ao salão superior.

Ficou uma escada boba.

Só.

7. Produções

Mas restava-me ainda muito trabalho pela frente: minha adaptação do conto *O Vagabundo* de Guy de Maupassant já estava inteiramente “rodado”. O material estava todo ele no laboratório, deveríamos ainda acompanhar e aprovar as revelações e as primeiras cópias. Sob meus cuidados restavam ainda a montagem (edição), as dublagens, a sonorização e as cópias finais. E a exibição à banca examinadora.

Antes, porém, tive de dar conta dos compromissos com a encenação de *O elevador de serviço*, também traduzida como: *O Monta-carga*, de Harold Pinter – trabalho de diplomação, obrigatório, também pelo Departamento de Direção Cinematográfica.

Não eram poucas as oportunidades de se realizar um pequeno exercício de filmagem. Os alunos do Departamento de Fotografia (Câmera) sempre tinham a obrigação de filmar nas mais diversas condições de iluminação e outras peculiaridades. Não era obrigatório, mas eles podiam convidar seus colegas do Departamento de Direção para que escrevessem um breve roteiro, buscando elenco e “espaços” (planos, ou cenários) ao redor e colaborando com a montagem (edição), sempre cumprindo as exigências de iluminação, “espaço” e outros detalhes, emprestando um claro interesse à pluralidade dos exercícios específicos da câmera. Formavam-se assim as duplas permanentes de trabalho e colaboração entre diretor e câmara que não raro permaneciam solidárias até a conclusão do curso. Não havia apoio de produção nestes casos: realizaríamos se quiséssemos, se e como pudéssemos, mais nada. Para nós, de Direção, participar de tais exercícios já no primeiro semestre, era uma festa.

Neste quadro, escrevi e dirigi o exercício de câmara do meu colega Zbigniew Pietrkiewicz, em adaptação livre do conto de Machado de Assis *A Missa do Galo*, ou o que dele me lembrava.

Formamos, Zbyszek e eu, nesse trabalho comum, uma parceria que se supunha, iria até nossos filmes-diploma. Essas duplas, “alunos de direção e câmara” eram incentivadas pelos professores, pelo maior entrosamento-rendimento nos momentos mais delicados das filmagens.

A Faca, em polonês *Nóz* (pronunciar nush): tive inteira liberdade para escrever o filme-exercício de direção, com *A Faca*. Mas o meu companheiro de câmara tinha tarefas ditadas. Nosso filme deveria transcorrer em: 1) cena ao ar livre à noite; 2) ao ar livre de dia; 3) cena de interior-noite e 4) cena de interior-dia, em sequência livre para montagem (edição). Escrevi o argumento-roteiro no mesmo dia, atendendo às solicitações do professor de câmara.

Tivemos o estúdio – grande, à nossa disposição por um dia e meio – planejamos o cenário para as filmagens interiores e, a sós, construímos, pintamos e decoramos todo o espaço durante a madrugada. Quando, pela manhã, os eletricitas e os outros técnicos chegaram no ônibus da Filmowa com os atores e os figurinos previamente selecionados, estávamos os dois, Zbyszek e eu tomando chá requentado, comendo pão amanhecido e esperando por eles, felizes e bem dispostos.

Este filme de ficção do primeiro ano letivo não teria “direito” à sonorização, mas foi muito bem avaliado pelos professores, com o quê ganhamos horários e técnicos para realizar a sonorização que consta da cópia definitiva.

Apesar da avaliação, não faltou uma “entrevista” na qual fui questionado por haver retratado uma família de operários – isso estava evidenciado nos trajés: o casacão dele,

comum, grosseiro e o casaco da mulher e o boné e sua pequena bolsa à tira-colo que indicavam, no caso, uma cobradora de bonde – que depois passaria pela rua, em habitação tão pobre – o entrevistador achou a residência pobre demais, mas não insistiu nisso. Implicou também com a personagem do “pai” chegando embriagado após o trabalho. Este diálogo também não prosperou. Eu estava há mais de ano meio na Polônia e morava num edifício em que viviam, sobretudo, condutores(as) de bondes. Eu conhecia aquela realidade, era a minha vizinhança. Fui deixado em paz.

Em tempo, o “entrevistador” não era do corpo docente: ele circulava pela Escola discretamente como funcionário de segundo nível, sem que tivesse jamais dado sinal de alguma função, nem técnica, nem administrativa. Mas estava por toda parte.

Carmen: durante três dos quatro anos de aulas regulares do meu curso, com aulas de História da Arte e de Música para o Cinema, frequentei concertos musicais e museus quase semanalmente. Consegui ainda um breve estágio no Grande Teatro Municipal de Lodz, onde acompanhei de perto a encenação de coreografias do corpo de baile e de óperas – paixão de juventude e algum estudo.

No segundo ano do curso, os alunos de Direção realizavam documentários. Liguei-me à realidade menos aparente (ao público) do espetáculo da ópera *Carmen*: seu participante, numeroso e importante coro.

Só tive um dia – parte da manhã e da tarde – para efetuar a gravação das entrevistas pessoais com os artistas da ópera que eu havia selecionado livremente.

Quando optei pelo depoimento prestado pela senhora Jozefa Walesinska, aconteceu um discreto zum-zum... O “entrevistador” desapareceu e aquele depoimento – mais de meia hora de gravação direta – foi inteiramente VETADO! Recorri com veemência. Mostrei que a Escola estava me impedindo de por em prática a essência das aulas! Os professores, incomodados, me pediram dois dias para “deliberações”. Eles estavam visivelmente encurralados. Como sempre, foi a secretária do departamento que me informou a “renovação do veto”. Uma de suas ocupações funcionais era repassar todas as notícias negativas, todas as restrições, toda amarga bilis oficial do departamento ou da reitoria a ser comunicada aos alunos, a cada aluno, sempre. Tarefa que elas cumpriam rigorosamente, à perfeição, em poucas palavras.

Ainda não aceitei, e botei minha cabeça na guilhotina: “Eu abro mão de trinta minutos de gravação e utilizo no filme apenas ‘cinco minutos’ do depoimento da senhora Walesinska, nada mais”.

Fiquei com os meus cinco minutos da corista – os que estão no filme – e dispensei os depoimentos açucarados das solistas, do regente comportadinho e de outras boas pessoas. A senhora Walesinska acabou ganhando, moralmente, o seu papel-título na ópera.

Carmen foi muito bem avaliado. Juntamente com outros filmes selecionados da Filmowa, no ano seguinte, também representou a Polônia num festival de escolas europeias de cinema, na Holanda.

Fui informado tempos depois que a senhora Walesinska, graças à sua sinceridade, ganhou uma cruz mais pesada que a de Cristo para carregar pelo resto de seus dias, na Ópera local.

O Baio (Gniady): terminava o primeiro semestre do terceiro ano, e ainda não tinha criado o argumento para meu filme de ficção. O peso de minha própria condição na Polônia, distante, já me pesava muito. Pesava demais.

Projeto de filme: zero!

Meu fiel amigo e companheiro de câmara, Zbyszek Pietrzekiewicz – que formava comigo dupla de filmagem, já roia as unhas, impaciente. Estávamos atrasados para a próxima filmagem do segundo semestre.

O domingo de junho entrava quente. No silêncio da tarde preguiçosa, ao poucos, muito lentamente, ouvi meu bem conhecido ruído de ferraduras das patas de um cavalo que se aproximava sem pressa alguma sob minha janela. Na rua da minha infância seria o leiteiro que vinha com sua carroça, todos os dias. E eu corria antes de minha mãe, com a leiteira na mão esquerda e uma cenoura na direita para o cavalinho da carroça.

Na segunda-feira levei a Zbyszek e ao professor de Ficção o meu argumento e na mesma semana estávamos aceitos para a produção. Apesar dos problemas com a hospedagem, transporte e cuidados veterinários com o velho cavalo e o aluguel do circo com seus cavalos de picadeiro e seus treinadores.

Dois dias depois das filmagens, a notícia triste: o cavalo baio do filme morrera em sua cocheira, tranquilo, de velho.

O Vagabundo: meu santo rosário de problemas, nem tão santos, com “o sistema”, já estava perigosamente perto da cruz! Tudo já era demais. Mas faltava-se ainda o filme-diploma para o qual me preparara pacientemente, longamente. O filme-sonho de todos os finalistas da Filmowa.

Mas o horizonte já se mostrava de cara feia, não recomendando boas perspectivas. Eu jamais conseguiria as locações nas montanhas do sul da Polônia que meu argumento-sonho impunha, sem falar no elevado número de atores e figurantes em trajes de época, hospedagem,

acomodações no terreno, essas coisas, só para início de entendimentos! O projeto de filme era uma alegoria de paz universal e propunha a abolição das bandeiras... de todas elas.

Aquele reitor-fantasia havia cortado minha bolsa de estudos, complicando em muito, minhas possibilidades de insistir nessa proposta, mesmo que em linguagem poética e alegórica, “contra-bandeiras” – anti-xiitismos. E dificultando ainda mais minha permanência no país, onde caí numa incômoda situação de meia-legalidade, ou meia ilegalidade, conforme o humor da autoridade do momento – uma situação periclitante!

Guy de Maupassant estava à mão, com seu conto do homem marginalizado que não encontra meios de sobreviver e se torna vítima fácil do ambiente humano hostil em que se mete sem querer.

Ou por apreciarem demais o escritor francês e seu “socialismo humanista”, ou pelo orçamento modesto ou, o mais provável, pela tentadora oportunidade de poderem marcar uma data para a minha despedida, *O Vagabundo* teve produção aprovada na mesma manhã!

Mas, para não deixarem o caldeirão das maldades esfriar, negaram-me qualquer locação além dos limites municipais da muito industrializada Lodz, mesmo as ações todas do conto transcorrerem no campo rural no século XIX, num vilarejo com carruagens, casebres, igreja e animais no pasto!... Impuseram-me as datas mais evitadas para filmagens ao ar livre, próximas do inverno/nevascas. Vetaram-me a parceria previsível e aconselhável com Zbigniew Pietrkiewicz e, como Diretor de Fotografia, obrigaram-me, sem qualquer diálogo ou consulta, a filmar com um colega também estrangeiro com o qual jamais me sentara à mesa no refeitório, em mais de cinco anos. E, melhor: os quinze/vinte dias de filmagens destinados aos filmes-diploma minguaram, por encanto, para sete!

Temendo uma nevasca, a zero grau de temperatura, iniciei a filmar pela sequência mais complexa, diante da capela, com o maior número de figurantes, carruagens transitando, grua para a câmara alta, instalações de alojamento e alimentação quente para todos no plano, assistência às crianças e técnicos especializados com os cavalos e seus carros, tudo mais. Foram mobilizadas várias dezenas de pessoas de todas as idades, veículos e geradores e segurança especial na área de eletricidade para a iluminação.

Ao final do dia, a primeira tomada da última cena foi, por força, “a boa” – tomada válida para revelação e cópia –, pois foi mesmo a última: assim que a câmara parou de rodar, a neve mandou toda a equipe de volta para casa! Seria impossível qualquer repetição ou nova tomada, naquelas condições.

Escandalosamente às claras, apesar de me ser interdita qualquer produção além da cidade de Lodz, o protagonista de *O Vagabundo* – um ator profissional experiente no teatro e

no cinema aceitou viajar particularmente para o sul do país levando seu traje de filmagem e rodar, sem remuneração nem conhecimento da Escola às cenas iniciais nos campos das montanhas presentes na abertura e início do filme.

Conseguimos filmar uma pequena igreja “de campo” em sua “pracinha interiorana” e suas vielas com carroças e carruagem e dezenas de figurantes com trajes do século XIX num acanhado jardim público de Lodz, metido entre várias fábricas ativíssimas, coroadado e animado por reluzentes trilhos e fiação dos bondes e barulhentos ônibus e caminhões, automóveis e pessoas alheias, em suas tarefas urbanas diárias.

E, para encerrar: já que não tivemos nem um só dia o estúdio grande, bati o pé e tive acesso às próprias salas nobres da reitoria para as cenas “na Prefeitura”, valendo-me dos cristais oficiais em uso, para o licor dos meus atores.

8. A Laranja

Quando prestei meu exame vestibular para ingresso na Filmowa fui surpreendido com a formalidade peculiar: diante do candidato, na maior sala da reitoria, atrás de uma longa mesa estava presente todo o corpo docente. O Reitor Toeplitz me fez uma ou duas perguntas à guisa das apresentações e me convidou para a cadeira à sua frente. Ao meu lado, de pé, um estudante veterano servia de intérprete.

Ao lado do Reitor sentava-se uma professora, brincando discretamente com uma laranja entre as mãos. Tratava-se da respeitadíssima professora Krystyna Zwolinska, de História da Arte, disciplina que me acompanhou nos quatro anos do curso.

Mais duas ou três perguntas do reitor e a nova surpresa: Toeplitz pediu polidamente a laranja à professora – aquilo foi um improviso! – que aquiesceu sorrindo; ele colocou a fruta diante de mim e ditou a regra: “Agora o senhor vai àquela salinha ao lado, fecha a porta e tem dez minutos para escrever um pequeno roteiro que tenha essa laranja como centro de interesse. Dentro de dez minutos o seu colega vai chamá-lo. Boa sorte.”.

Eu já estava de pé quando a professora, afável, estendendo a mão com a laranja me diz: “Pode levar a laranja”.

Quando, anos depois entrei na reitoria para a minha defesa de diplomação, sentavam-se à mesa examinadora o meu professor Jerzej Mierzejewski, diretor do Departamento de Direção Cinematográfica, o tal já referido *ad nauseam* pequenino reitor e, sorrindo – um sol à mesa! –, a querida professora Krystyna Zwolinska, mais uma vez brincando discretamente com... uma laranja nas mãos!

Meu interrogatório no exame foi aberto com a brilhante pergunta do pequeno momo: “Porque o senhor escolheu adaptar Guy de Maupassant para fazer o seu filme-diploma, quando o senhor sempre realizou os seus próprios argumentos?”.

Todo o rosário de dificuldades pelas quais tive de passar nos últimos meses na Filmowa exatamente com meu filme-diploma e mesmo, na Polônia, decorrentes do corte energúmeno e pornográfico da minha bolsa de estudos determinado por aquele mesmo homúnculo à minha frente saíram-me num jato excretor como resposta, mais das tripas que da razão. Respondi – não sem rancor – breve, seguro e literalmente: “Porque qualquer idiota sabe que Guy de Maupassant sempre dá um bom filme!”.

Silêncio pesado na banca examinadora. Não consigo lembrar o que aconteceu depois. O pequeno indivíduo fez um teatrinho qualquer como desculpa e deixou a sala – lembro-me que saiu de cabeça baixa e não voltou mais à banca examinadora que presidia.

Mais algumas perguntas, talvez apenas por formalidade, sobre meu trabalho escrito – focado inteiramente no cinema-guerrilha na América Latina – que não tinha uma só linha de interesse para os poloneses ou o cinema europeu e o professor Mierzejewski deu o meu exame por terminado com um bom conceito.

Quando me levantava, a professora Zwolinska me estendeu a laranja que mantinha desde o início entre os dedos delicados e falando-me pela última vez, a ofereceu, com ternura: “A sua laranja, senhor Fuser”.

FIM

9. *México em transe* – Um filme como agradecimento

Não pode ser considerado um curta “meu”. Apropriar-me das imagens alheias seria cair, mesmo acidentalmente, na ratoeira dos plágios! É uma colagem. Um reaproveitamento.

Trata-se de uma colagem de restos de “atualidades televisivas” internacionais; alguns quadros do clássico *Que viva México!* de ninguém menos que Sergei Eisenstein; dezenas de fotografias jornalísticas estupendas que se destinavam ao lixo de uma grande revista, a animação – que fiz realizar no estúdio – de algumas dessas mesmas fotos – tudo em montagem (edição livre) a serviço do texto da narração transcrito diretamente do livro *México em transe*, de autoria do meu filho Igor Fuser.

A edição deste curta nos custou todo um janeiro quente, meu e do editor contratado na produtora de publicidade em férias.

Da montanha de material literalmente jogado ao lixo, pacientemente, selecionei, idealizei e realizei a “construção-montagem” do pequeno documentário *México em transe*.

Um reencontro apaixonado de imagens e movimentos em busca do sentido proposto na idealização da obra do meu filho.

Um mês de festa, para quem sabe saborear na montagem (edição), a essência do próprio cinema.

10. Quase epílogo, *allegretto*.

Ao deixar a Filmowa, no verão europeu de 1970, senti-me na obrigação de buscar o caminho correto para trazer legalmente uma cópia dos meus curtas ao Brasil. Fiz uma polida e formal solicitação nesse sentido, deixando claro que não haveria exploração comercial alguma dos filmes. Era previsível que eles seriam meu melhor diploma da prestigiosa escola.

Mas não foi imprevisível a negativa despachada da reitoria com a palavra mais curta da língua polonesa à minha petição: *Nie*, e estamos conversados.

Anos mais tarde meu filho, ao viajar com o grupo teatral União e Olho Vivo, sob direção do importante diretor César Vieira à Europa, chamou a si duas responsabilidades pessoais: cumprimentar, por mim, a professora Zwolinska em Varsóvia e ainda trazer a volumosa pilha de latas com meus filmes para o Brasil, apesar do *nie* excretado na tal malévola reitoria da Filmowa de 1970.

Meu filho me trouxe, ao voltar, a memória dourada da professora de História da Arte da Filmowa naqueles anos, e com ela, a memória das amabilidades e das amizades em estado puro que acompanharam os melhores dias que consegui viver naquele país:

Dádivas não raras de serem ofertadas por gente excepcional, indiferentemente poloneses cristãos ou poloneses judeus. As diferenças entre essas religiões e raças ainda eram – ou são?!!! – declaradas nas identificações oficiais das pessoas nascidas na Polônia!

Pessoas de caráter e ânimo surpreendentes, a oferecer com simplicidade, as joias preciosas de uma generosidade nunca imaginada possível. Muito além dos tropeços e dificuldades criados com requintes estúpidos pela burocracia medíocre de um Estado engessado pelo medo e/ou subserviência ao dominador estrangeiro.

Pessoas solidárias, extraordinárias, inesquecíveis, pelas quais nem tenho ideia de como mostrar o sentimento da minha gratidão e reconhecimento.

Os curtas poloneses que me foram negados pela burocracia então na reitoria, mui discretamente fizeram a longa viagem ao nosso país “selvático” nos numerosos bolsos do elenco do grupo de teatro popular paulista, depois de andanças, peripécias, viagens, empenho, aventuras e sacrifícios do meu filho que chegou esfomeado, “amarrotado”, mas “triumfante” pela complexa e não pouco arriscada proeza realizada com sucesso total!

Consegui vislumbrar, agradecido e vaidoso, nesse empolgante gesto-aventura juvenil, atrevido e generoso, a iniciação do meu menino na perspectiva confirmada do perfil de um homem de forte caráter e sólida determinação.

Ao César Vieira e toda sua equipe do Grupo de Teatro Popular União e Olho Vivo, jamais pude mostrar toda a gratidão que lhes fiquei devendo. Muitíssimo obrigado a todos! – *Dziekuje Wam bardzo.*

Em junho de 2012, graças ao generoso interesse, iniciativa e às solicitações da pesquisadora e jornalista cultural Tatiana Machado Dias, obtive autorização da atual reitoria da Filmowa a para projeção pública – de perfil não comercial – dos pequenos quatro filmes de minha autoria e direção: *A Faca, Carmen, O Baio e O Vagabundo*. Produções curriculares entre 1965 e 1970, da Escola Nacional Superior de Teatro e Cinema Leon Schiller PWSTiF, do Ministério da Cultura e das Artes, em Lodz, na República Popular da Polônia

11. Quase *Réquiem, moderato cantabile*.

Pois é...

na Polônia

a Polônia

e

uma laranja.

Uma lar

(Música-Tema sobe)

(*Fade Out*, lento)

Koniec

Observação: Os depoimentos, testemunhos e as opiniões constantes destes *Relatos Poloneses ou A Polônia e uma Laranja* são de exclusiva responsabilidade do seu autor e se referem ao período de junho de 1964 a novembro de 1970.

Da reunião acontecida na Filmowa e da personalidade em foco encontra-se material detalhado na minha tese de doutorado, orientada pelo Prof. Jacó Guinsburg: *A Turma da Polônia na Renovação do Teatro Brasileiro, ou Ziembinski: O Criador da Consciência Teatral Brasileira?* Dois Tomos, no Capítulo IV. Universidade de São Paulo/ECA. SP. 1987. Disponível, talvez, nas Bibliotecas: Central da USP e da Escola de Comunicações e Artes; ou no seu Departamento de Pós-Graduação.

Frase: “O ator é uma entidade com a sua consciência política e o palco é sempre sua tribuna. Sem isso, a representação será oca, vazia”. Anatol Rosenfeld.

Obs.: Para melhor proveito da frase do crítico teatral, pode-se ler:

1) a palavra “ator” em seu pleno significado, como: o artista, o comunicador, chegando-se a “todo ser humano em ação” na sociedade;

2) a palavra “representação”, aqui, livremente, pode ser considerada como o filme da sua própria vida.

Ou, em dúvida, faça a sua própria interpretação... mas busque “a sua ação!” “O seu cineminha”. F.F.

Leitura recomendada: Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*.

São Paulo, 23 de setembro de 2012

Este texto foi recebido para avaliação em 25 de setembro de 2012

Data de publicação 30 de maio de 2013

Fausto Fuser: professor aposentado da Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, Departamento de Artes Cênicas, CAC, da Universidade de São Paulo. Foi crítico teatral da Folha de São Paulo a convite de Cláudio Abramo, e de outros jornais e revistas, para os quais também comentou espetáculos de dança e colaborou com algumas ficções. Dirigiu, adaptou e escreveu algumas peças teatrais, tendo iniciado carreira como assistente de direção de José Renato, fundador do Teatro de Arena de São Paulo, após estudar no Conservatório Nacional de Teatro (do S.N.Te.) e frequentar outros cursos, no Rio de Janeiro. Diplomou-se em Direito em Porto Alegre, na UFRGS, onde também lecionou a convite de Ruggero Jaccobi no seu curso de teatro e participou da Cia. Cinematográfica Leopoldis-Som daquela cidade, antes de seguir para a Polônia, em junho de 1964.